

CRISE DO CAPITAL, TRABALHO E REFRAÇÕES DA “QUESTÃO SOCIAL”

José Fernando Siqueira da Silva¹

Raquel Santos Sant’ana²

Ademir Alves da Silva³

*A história de todas as sociedades até hoje
é a história das lutas de classes.
(MARX, 2012, p. 185).*

O número 30 da *Revista Temporalis* apresenta um debate crucial para o Serviço Social: *o trabalho, a crise do capital e suas refrações*. Categoria central para a produção e reprodução de homens e mulheres, como trabalho útil, humanizador e criativo, economia política viva, em movimento permanente, o trabalho tem sofrido profundas metamorfoses e deformações sob o mando do capital. A barbárie em curso tem aprofundado a submissão do trabalho concreto ao abstra-

1 Assistente social e doutor em Serviço Social, professor adjunto III, livre-docente do Departamento de Serviço Social da UNESP-Franca. Editor-chefe da Revista *Temporalis* (gestão 2015-2016).

2 Assistente social e doutora em Serviço Social, e professora adjunta III, livre-docente do Departamento de Serviço Social da UNESP-Franca. Presidente Nacional da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (gestão 2015-2016).

3 Assistente social e doutor em Serviço Social. Coordenador do Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da PUC-SP. Membro da Comissão Editorial da Revista *Temporalis* (gestão 2015-2016).

to, ainda que jamais o elimine, reafirmando a desumanização contínua comandada pela apropriação privada da riqueza socialmente produzida.

Trata-se de uma totalidade contraditória objetivada sob condições amplamente desenvolvidas e maduras do capital. Neste contexto, a categoria central à sociabilidade humana desde seus primórdios, como prévia ideação tecida como causalidade/finalidade com bases ontológico-materiais, necessidades humanas reais, responsável pela redução contínua das barreiras naturais e humanização de homens e mulheres ao longo da história humana, vem sendo utilizada exatamente para seu oposto: a desumanização do criador (homens e mulheres) e a humanização da criatura, o deus-mercadoria trocado pelo equivalente geral, o dinheiro. Como destacou Marx desde os manuscritos econômico-filosóficos de 1844, o trabalho comandado pelo capital é exterior e estranho ao trabalhador, não lhe pertence, “[...] não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. [...] O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório.” (MARX, 2004, p. 83).

Mas o comando atual é da fração financeira do capital, amplamente associada e complexa, em sua face mais perversa e terminal, esfera central para a submissão dos estados nacionais, ataques especulativos “democráticos”, captura dos fundos públicos, redução brutal de empregos e de direitos.

Destarte, vale indagar: - Qual é o caminho necessário à sobrevivência de toda e qualquer espécie de vida no planeta? Liberar a dimensão concreta do trabalho de suas amarras abstratas, alienadas e estranhadas, propiciadas pelo mundo do capital e alterar profundamente a forma de produzir-reproduzir, consumir objetos e recriar necessidades, na relação com a natureza. Eis o caminho.

O atual momento histórico é preocupante. As incisivas palavras de Rosa Luxemburgo (1999) pronunciadas nas primeiras décadas do século XX, “*socialismo ou barbárie*”, frase esta atualizada por István Mészáros (2003), “*socialismo ou barbárie se tivermos sorte*”, indicam que “*o velho século não acabou bem*” (HOBSBAWN, 1995, p. 26). Valeria a pena completar: e o novo século começou mal. Não se trata, aqui, em hipótese alguma, de estimular certo tipo de catastrofismo ou niilismo mais afeito a setores da ultradireita que hoje voltam

a bradar pelas ruas como “democratas”, defensores da “ética” e dos “cidadãos produtivos”, mas de radicalidade ontológica sem a qual diferentes formas de idealismo serão reeditadas na ilusão de que é possível humanizar o capital (LUKÁCS, 2012, 2013).

Não há outro caminho: a defesa do trabalho útil e concreto, dos direitos políticos, humanos e sociais; da igualdade social entre homens e mulheres; do direito à diversidade em todos os seus níveis; da equidade social; do respeito às culturas locais e às suas manifestações; da verdadeira convivência mútua e plural; da ciência construtiva e genuinamente humana; do planeta e de seus ecossistemas (rios, lagos, mares, matas e diferentes espécies animais) - todas essas proposições passam pela crítica radical, como práxis social, do capitalismo e do capital.

A crise estrutural se adensa e se aprofunda. Como em outros momentos históricos, a luta de classes se expressa em refrações sociopolíticas complexas, consideradas pela burguesia e suas frações dominantes como problemas sistêmicos, pontuais, unicamente religioso-culturais ou como sectarização fundamentalista, comandada por grupos que atentam contra a “liberdade”. A atual crise do capital tem se mostrado incapaz de lidar com suas tensões internas, criadas e recriadas como componentes inerentes ao metabolismo do capitalismo mundial maduro. As “ondas longas” de crescimento têm sido substituídas pela “[...] crescente frequência das fases de **recessão** tendendo a um **continuum em depressão**.” (MÉSZÁROS, 2002, p. 49)⁴. Por isto, tem revelado um quadro inegável: o atual estágio de acumulação não mais possui o espaço de manobra que vinha tendo para a “cura sistêmica” de seus conflitos estruturais.

As regiões centrais do globo convivem com tensões nunca vistas antes. Reduzem-se as alternativas diplomáticas e se reaquecem as ações bélicas e policiais. Com elas, a intolerância, o extermínio, os fundamentalismos, a reedição de paradigmas imperialista-monopólicos recessivos e transnacionais, o aprofundamento do trabalho parcial, precário, sem direitos, o desemprego estrutural. Em outras palavras, a atualidade da teoria social de Marx se reafirma: *as mesmas condições que permitem a reprodução ampliada do capital recolocam tensões insolúveis e cada vez mais profundas sobre suas fronteiras.*

4 Grifos do autor.

A crise na Europa se aprofunda e com ela os fundamentalismos de mercado liderados pela Troika e pelo capitalismo alemão. Países como Grécia, Portugal e Espanha são os primeiros a sofrerem a investida da União Europeia⁵, crise esta que também afeta, de outra forma, França e Itália e reaquece a extrema-direita nestes países.⁶

O capitalismo norte-americano não tem apresentado os mesmos níveis de recuperação econômica vistos em fases anteriores e a China tem diminuído continuamente suas taxas de crescimento: no terceiro semestre de 2015 o índice atingiu 6,9% (o mais fraco desde 2009). (REUTERS BRASIL, 2015). A luta titânica pela conquista de mercados se adensa e com ela diversas formas de imperialismo que se impõem em diferentes esferas da vida social.⁷

O Oriente Médio explode com sucessivas e fracassadas intervenções do Ocidente, lideradas pelos EUA, cenário vergonhoso que se refrata em fluxos migratórios que não eram vistos desde a Segunda Guerra Mundial⁸. Rússia, neste espaço geopolítico, dona de um arsenal atômico nada desprezível, aprofunda as divergências entre as superpotências na região: aproxima-se do Ocidente no combate ao Estado Islâmico (articulando interesses comuns) enquanto apoia o regime de Bashar al-Assad.

A América Latina, por sua vez, na sua ampla diversidade, assiste a uma regressão ultradireitista - não sem resistência, é verdade - incapaz de conviver com governos moderados de perfil social-liberal (como é o caso brasileiro), alternativas mais identificadas com propostas nacionalistas e neodesenvolvimentistas (Argentina) ou propostas mais afeitas ao heterogêneo processo bolivariano (Venezuela, Bolívia e Equador).⁹

5 O texto de autoria de Raquel Varela e Luísa Barbosa Pereira, publicado nesse volume da Revista Temporalis, tece importantes comentários sobre a objetivação da crise do capital na Europa, particularmente em Portugal.

6 Em toda Europa há um crescimento da “nova” extrema-direita.

7 O recém-acordo econômico Transpacífico de Cooperação Econômica, liderado pelos EUA e Japão (com adesão de países da América do Sul, Central e sul da Ásia) é uma expressão dessa luta.

8 Vale destacar que Osama Bin Laden e Saddam Hussein foram crias dos Estados Unidos e do Ocidente em tempos de Guerra Fria. Tornaram-se demônios e inimigos da “democracia” recentemente.

9 A apertada eleição de Mauricio Macri na Argentina, as sucessivas investidas con-

Todavia, reconhecer a dureza do real não significa pulverizar o “otimismo da vontade”, ainda que seja necessário assentá-lo sobre bases materiais concretas para evitar recaídas idealistas. Os processos de resistência igualmente se adensam e com eles a luta de classes. A crise do capital, *comandada por sua fração financeira*, não terá outra resposta que não seja a de *fomentar a redução brutal de direitos em todas as suas esferas, a desumanização contínua daqueles que vendem a sua força de trabalho e o aumento do controle e da repressão*, o que não descarta a eclosão de conflitos bélicos mundiais.¹⁰ O capital, como sempre, realizará esta “grande obra” com argumentos velhos-novos, em nome da “democracia”, do “necessário e responsável ajuste fiscal”, da “ética com a coisa pública”, da “gestão ótima, eficaz e eficiente”, da “segurança dos que trabalham” e dos “cidadãos livres”.

Não basta, porém, analisar e denunciar. É preciso que os grupos comprometidos com níveis crescentes de emancipação social resistam e tenham propostas. Sem isso a barbárie prevalecerá como um carro desgovernado que elimina rápida e lentamente as camadas desapropriadas pelo capital.

Mas um leitor atento seguramente perguntaria: *e o Serviço Social com isto?* A resposta certamente é diversa, dentro e fora da profissão. Não tenhamos ilusões sobre isto. Para alguns colegas trata-se de afirmar o processo em curso e deixar que a “mão invisível do mercado”, como desejava Adam Smith, aja por si só e naturalmente acomode as tensões e estimule a criação de “livres empreendedores”. Para outros, muito diversamente, ainda persiste a ilusão da afirmação de direitos na ordem, nos limites dos marcos estabelecidos pelo capital e pela sociedade que permite sua reprodução ampliada: o capitalismo. O segredo, entretanto, está *em defender radicalmente direitos (uma obrigação humano-profissional), mas com o horizonte da emancipação humana* (MARX, 2009). Não há, para essa última tendência - e isso é fundamental - qualquer ilusão sobre a “face humanitária do ca-

tra as alternativas bolivarianas (genericamente e maldosamente tratadas como “populistas”) e o atual cenário brasileiro, apontam claramente essa tendência. O processo de direitização latino-americano é evidente. No caso brasileiro, vale destacar que o segundo governo de Dilma Rousseff foi inicialmente composto por um ministro da economia formado nos marcos da Escola de Chicago e uma ministra da agricultura que representa os setores do agronegócio, um dos mais retrógrados do país. Portanto, amplamente generosos com os interesses transnacionais.

10 Para a alegria da indústria bélica e para a morte do excedente populacional: os trabalhadores e suas frações precarizadas e desempregadas.

pital”. (SILVA, 2015).

Outro aspecto é igualmente relevante: *reconstruir as mediações teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operacionais que permitam sintonizar a profissão com esse horizonte.* (Re)conhecer os limites objetivos do Serviço Social como profissão que compõe a divisão social do trabalho, como especialização do trabalho coletivo (IAMAMOTO, 2007), bem como sua diversa inserção sincrética, por vezes eclética, na era monopolista do capital (PAULO NETTO, 1992) é algo imprescindível para a práxis profissional identificada com os interesses genuinamente humanos.

Embora as grandes tarefas transformadoras se deem no âmbito da práxis social exercitada no campo contraditório da luta de classes, o Serviço Social como profissão e os profissionais assistentes sociais podem e devem fazer a diferença ainda que atuem majoritariamente em espaços restritos aos marcos do capital: *os do gerenciamento da desigualdade social.*

A gestão e a execução de projetos sociais no campo das políticas sociais não possuem “mão única”, ainda que sejam hegemonicamente comandadas pelos interesses da burguesia e de suas frações dominantes. Tensionar suas contradições é papel dos assistentes sociais comprometidos com o Projeto Ético-Político Profissional, como direção social estratégica. (PAULO NETTO, 2009). Entretanto, eles só o farão considerando condições subjetivas e objetivas favoráveis para tal, o que seguramente exige *uma visão de totalidade social orientada pelo ponto de vista do trabalho útil, criativo e concreto, capaz de apanhar as particularidades da profissão, suas potencialidades e limitações.* É necessário ainda vincular *as instâncias profissionais a processos emancipatórios que superem as fronteiras profissionais e exponham, por meio da práxis social, as tensões contidas na sociedade de classes.*

Ressalta-se a importância de intensificar a aproximação a movimentos sociais, partidos e sindicatos combativos de perfil claramente anticapitalista de modo a enriquecer a relação entre o Serviço Social e as esferas mais combativas da sociedade, estimulando a convivência crítica desses sujeitos e instâncias coletivas, observadas suas particularidades.

Nessa perspectiva, organizamos cuidadosamente a presente edição da *Temporalis*, expressão de um trabalho coletivo e compar-

tilhado de editor, comitê editorial, autores, pareceristas, revisor, diagramador e todos os que contribuíram para a sua produção. Trata-se, portanto, de trabalho coletivo, seguramente inspirado na sua dimensão útil e criativa.

Esse número da revista está dividido em quatro blocos. O primeiro deles, denominado “Ensaio”, possui dois artigos escritos por convidados: “Segurança Social, Trabalho e Estado em Portugal” e “Notas do GTP Trabalho, ‘Questão Social’ e Serviço Social”. O primeiro, escrito pelas professoras Raquel Varela e Luísa Barbosa Pereira, apresenta uma importante análise sobre a crise do capital e seus impactos sociolaborais no continente europeu, particularmente em Portugal. O artigo seguinte, organizado por pesquisadores do Grupo de Trabalho e Pesquisa (GTP) da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), oferece uma importante contribuição sobre a categoria trabalho, sua objetivação na sociedade do capital, como trabalho abstrato, alienado-estranhado, suas refrações sociais e os desdobramentos para o Serviço Social como profissão.

O segundo bloco, denominado “Artigos Temáticos”, apresenta quatorze estudos de autores de diferentes regiões do Brasil comprometidos com análises que tratam de temas inseridos no processo de produção-reprodução ampliada do capital na atualidade, suas particularidades e seu metabolismo. Os artigos discorrem sobre temas que tratam da financeirização, da funcionalidade do crédito repassado aos trabalhadores; da informalidade laboral; das políticas de geração de trabalho e de renda hoje em curso; da precarização do trabalho dos funcionários públicos; das particularidades do trabalho feminino e da divisão sexual do trabalho; do trabalho no setor de telemarketing, bem como estudos que tratam da relação entre eugenia e “questão social”; questão social e desenvolvimento no Nordeste brasileiro; a questão agrária; e, estudos que oferecem um debate mais direto com o Serviço Social - um deles na área de saúde e outro que trata de competências profissionais. Todos eles, por caminhos heterogêneos, consistentemente críticos, inspirados em Marx e em sua tradição, oferecem importantes contribuições ao Serviço Social como profissão, bem como a diferentes áreas acadêmicas e profissionais.

O terceiro bloco, caracterizado como “Artigos sobre Temas Livres”, apresenta seis textos que dialogam criticamente com o eixo temático desse volume da Revista *Temporalis*: a análise da legitimidade e da burocracia como alternativa aos estudos de Max Weber; a

consciência ética e política do ser social, com base nas observações de Agnes Heller; a crítica à noção de particularidade como centro, ressaltando a importância da categoria da totalidade em Lukács; a previdência social no Brasil; as relações entre patriarcalismo e capitalismo; e um artigo que trata diretamente da questão da luta pela água.

O quarto bloco, denominado “Documentos”, é composto por dois textos. O primeiro deles é um relatório elaborado pelo GTP “Trabalho, ‘Questão Social’ e Serviço Social”, que realiza um levantamento das pesquisas e produções dos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social envolvendo temáticas sobre o mundo do trabalho. O segundo texto faz uma justa homenagem à querida professora Myrian Veras Baptista, que recentemente nos deixou.

É com satisfação que a Comissão Editorial da Revista Temporalis põe à disposição do coletivo profissional uma produção de tão boa qualidade. O faz priorizando o que temos de mais caro: *a formação profissional sustentada na crítica social radical à sociabilidade burguesa em seus mecanismos opressivos e reprodutores da desigualdade social.*

O respeito ao Serviço Social e a nós, profissionais, com todas as contradições existentes, passa necessariamente pela refinada capacidade de crítica social inerente a uma práxis profissional insurgente. Sem concessões idealistas de qualquer espécie, mas negadora do niilismo estéril. Excelente leitura crítica a todas (os)!

“Ousadia e sonhos em tempos de resistência” (ABEPSS – Gestão 2015-2016).

Referências

HOBBSBAWN, E. J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUXEMBURGO, R. **Reforma ou revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O manifesto do partido comunista:** o leitor de Marx (organizado por José Paulo Netto). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. (Textos originais de Marx e Engels).

_____. **Para a questão judaica.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MÉSZÁROS. I. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2002.

PAULO NETTO, J. **Capitalismo monopolista e Serviço Social.** São Paulo: Cortez. 1992.

_____. A construção do projeto ético-político do Serviço Social. In: MOTA, Ana Elisabete; GOMES, Luciano; BRAVO, Maria Inês Souza et al. (Orgs.). **Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional.** 4. ed. São Paulo: Cortez/OPAS/OMS, 2009. Disponível em: <http://weltergontran.com.br/cliente/uploads/4c5aafa072bcd8f7ef14160d299f3dde29a66d6e.pdf> Acesso em: 16 nov. 2015.

REUTERS BRASIL. **Crescimento econômico da China no 3º tri desacelerou para 6,9%, mas supera expectativas.** 19 out. 2015. disponível em: <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0SD0UM20151019> Acesso em: 1 dez. 2015.

SILVA, J. F. S. Crise do capital, neoconservadorismo e Serviço Social: apontamentos para o debate. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 99-125, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/18624/13594> Acesso em: 28 nov. 2015.

